



MEDIEVALISTA

N.º 39 | Janeiro – Junho 2026

ISSN 1646-740X

**Vestígios da retórica latina na
*Vida e milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal*¹**

**Traces of Latin rhetoric in
*Vida e milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal***

Inês Hortas Marques

Universidade de Lisboa, Centro de Estudos Clássicos
1600-214 Lisboa, Portugal

im6@edu.ulisboa.pt

<https://orcid.org/0000-0002-1516-5014>

Data recepção do artigo / Received for publication: 20 de Fevereiro de 2025

Data aceitação do artigo / Accepted in revised form: 24 de Novembro de 2025

DOI: <https://doi.org/10.34619/1bgp-8b0e>

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do apoio 2024.00379.BD.

RESUMO

O presente artigo visa, em primeiro lugar, demonstrar que os autores medievais portugueses, educados segundo o *trivium*, dominavam as estruturas retóricas latinas, conhecendo os principais tratados da disciplina, por exemplo, aqueles da autoria de Cícero (106 a. C. – 43 a. C.) e Quintiliano (35-96). Após a identificação destes documentos e do modo como eles eram aplicados na educação medieval galego-portuguesa, analisaremos, à luz do conteúdo veiculado pelos mesmos, episódios selecionados da hagiografia *Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal* (séc. XIV), com a finalidade de entender de que forma as noções retóricas são aplicadas no texto e no modo como estas conceções contribuem ou não para os efeitos de persuasão religiosa e política desejados pelo autor. Para a concretização deste estudo, focar-nos-emos, sobretudo, nos conceitos de *inventio*, *dispositio* e *elocutio*, como desenvolvidos nas obras *De Inventione* (Cícero, c. 90 a. C.) e *Rhetorica ad Herennium* (autor desconhecido, c. 84 a. C.), considerados os principais manuais de retórica do ensino medieval.

Palavras-chave: *Trivium*; Retórica latina; Hagiografia; Mulheres medievais; Cícero

ABSTRACT

The aim of this article is, firstly, to demonstrate that Galician-Portuguese medieval authors, educated according to the *trivium*, mastered Latin rhetorical structures, knowing the main treatises on the subject, for example, those by Cicero (106 BC - 43 BC) and Quintilian (35-96). After identifying these documents and how they were applied in Galician-Portuguese medieval education, we will analyse selected episodes from the hagiography *Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal* (14th century) in the light of the content they convey, with the aim of understanding how rhetorical notions are applied in the text and how these concepts contribute or not to the effects of religious and political persuasion desired by the author. To carry out this study, we will focus above all on the concepts of *inventio*, *dispositio*, and *elocutio*, as developed in the works *De Inventione* (Cicero, c. 90 BC) and *Rhetorica ad Herennium* (unknown author, c. 84 BC), considered to be the main rhetorical manuals of medieval education.

Keywords: *Trivium*; Latin rhetoric; Hagiography; Medieval women; Cicero



Introdução

A análise do impacto do processo de assimilação dos principais princípios retóricos da antiguidade latina para a construção da literatura medieval portuguesa ainda não se encontra devidamente sistematizada, embora seja amplamente reconhecida a necessidade deste estudo para a plena compreensão da tradição literária medieval². Neste sentido, o artigo que se apresenta procura contribuir para responder a este desafio, investigando o modo como os ideais retóricos do orador romano Marco Túlio Cícero (106 a. C. – 43 a. C.) são mobilizados na obra de índole hagiográfica *Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal*, redigida no século XIV por autor desconhecido³.

² Ver SOBRAL, Cristina – “Hagiografia em Portugal: balanço e perspetivas”. *Medievalista [Em linha]* 3 (2007), p. 19. [Consultado a 13 Novembro 2024]. Disponível em <https://revistas.fcsb.unl.pt/medievalista/article/view/1150> e FERNANDES, Raul – “Retórica”. In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Dir. Giuseppe Tavani, Giulia Lanciani. Lisboa: Editorial Caminho, 2000, p. 574.

³ Tanto a datação como a autoria desta primeira hagiografia redigida em português não se encontram fixadas, sendo apontada a data da sua redação para os anos imediatamente seguintes à morte da rainha e o autor sendo, possivelmente, uma das monjas de Santa Clara ou o seu confessor Salvado Martins, bispo de Lamego (NUNES, José Joaquim – “Introdução”. In *Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal*. Ed. José Joaquim Nunes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1921, p. 13). Aponta-se ainda que “o testemunho mais antigo sobrevivente [da *Vida e milagres de Dona Isabel*] foi escrito em 1592, pertenceu ao Mosteiro de Santa Clara de Coimbra e encontra-se hoje no Museu Nacional Machado de Castro” (DIAS, Isabel – “A narrativa da vida e milagres da Rainha Santa Isabel: Testemunhos e edições”. In MURILLO, Jesús; QUEJICO, Javier; DÍAZ, José (eds.) – *Medievalismo en Extremadura: Estudios sobre literatura y cultura hispánicas de la Edad Media*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2009, p. 576). No que diz respeito à edição consultada e citada ao longo do artigo, privilegiou-se a edição crítica de José Joaquim Nunes por se concordar com a avaliação negativa tecida por Isabel Dias à edição elaborada por Maria Isabel Montes (MONTES, Maria Isabel – *Vida e milagres de D. Isabel, rainha de Portugal*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1999. Dissertação de Mestrado) na sua dissertação de mestrado. Isto é, “[esta] edição crítica, ressentindo-se da aplicação de critérios pouco facilitadores da leitura e interpretação do texto, ou da ausência de critérios, revela ainda outras deficiências” (DIAS, Isabel – “A narrativa da vida e milagres da Rainha Santa Isabel, pp. 586-587), como múltiplas lacunas, inexistência de correção de erros e manutenção da pontuação do manuscrito do século XVI, que torna a leitura praticamente inexequível. Informa-se ainda que à data de redação e submissão deste artigo ainda não tinha sido publicada a edição de Maria José Azevedo Santos, António Manuel Ribeiro Rebelo e Francisco Pato de Macedo, que veio a público em maio de 2025 (*Livro que fala da Boa Vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte*. Ed. Maria José Santos, António Rebelo, Francisco Macedo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2025). Durante o processo de revisão deste trabalho, a dita edição foi consultada com o objetivo de completar lacunas acerca da produção e transmissão do texto. Todavia, no que diz respeito às citações diretas da obra, continuámos a preferir a fixação textual de José Joaquim Nunes, pois o filólogo optou por normas de transcrição relativamente modernizantes, facilitando a compreensão do texto a um público não familiarizado com a expressão linguística medieval. Não se tratando de uma investigação de índole linguística ou

Se aceitarmos que “as finalidades literárias da hagiografia são, muitas vezes, contaminadas por tendências externas relacionadas com intuítos políticos”⁴, torna-se claro que o relato da *Vida e milagres de Dona Isabel* não serve apenas para estabelecer um modelo literário feminino de cristianismo franciscano idealizado, mas também para evidenciar as qualidades morais, intelectuais e diplomáticas de D. Isabel de Aragão⁵, cooperando na edificação de uma mitologia nacional que legitimaria a independência cultural, linguística e política do reino português, especialmente face a Castela que ainda disputava territórios fronteiriços com Portugal⁶. Constata-se, assim, que as finalidades persuasivas do autor da obra se assentam, simultaneamente, no domínio da religião e da política. Tendo isto em conta, será fundamental avaliar os efeitos persuasivos das técnicas argumentativas aplicadas na hagiografia estudada através da exploração dos três primeiros conceitos canónicos da retórica clássica ocidental aplicáveis ao texto escrito⁷: *inventio* (descoberta/criação dos argumentos), *dispositio* (organização do discurso) e *elocutio* (estilo), como postulados por Cícero. Esta análise ocupará as duas secções finais deste trabalho.

Com vista à concretização dos objetivos explicitados anteriormente, é imperativo recuperar o estado da arte relativo ao ensino da retórica clássica no contexto medieval galego-português. Sendo assim, a primeira secção deste artigo será dedicada à revisão da literatura crítica acerca do tema, procurando demonstrar que os eruditos medievais galego-portugueses, educados segundo o *trivium*, dominavam as estruturas retóricas latinas, conhecendo os principais tratados da disciplina. Esta

filológica, parece-nos legítimo seleccionar uma edição que veicula o texto num formato propício à sua ampla divulgação.

⁴ REBELO, António – “A estratégia política através da hagiografia”. In JIMÉNEZ, Aurelio; FERREIRA, José; FIALHO, Maria – *O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 143.

⁵ Para a consulta de informações biográficas acerca desta rainha, recomenda-se a leitura de ANDRADE, Maria Filomena – *Isabel de Aragão – Rainha Santa, mãe exemplar*. Lisboa: Temas e Debates, 2014 e de NASCIMENTO, Aires – *Santa Isabel de Portugal a menina de Aragão coroada Rainha em terras Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, 2019.

⁶ Apesar de o Tratado de Alcanises (1297) ter estabelecido as fronteiras entre os reinos de Leão, Castela e Portugal, várias disputas territoriais e de domínio cultural ocorreram posteriormente até ao século XIX, particularmente em momentos de crise de sucessão ao trono português (por exemplo, a crise dinástica de 1383-1385 e a dinastia filipina, entre 1580 e 1640). Consequentemente, seria crucial continuar a alimentar a esfera cultural do reino de Portugal com símbolos mitológicos autóctones que o distinguissem dos demais reinos ibéricos, mesmo após a assinatura do tratado.

⁷ Os outros dois elementos canónicos, *memoria* (memorização) e *pronuntiatio* (recitação), só podem ser examinados em contexto de discurso falado ou de leitura pública de textos literários.

discussão visa ainda a justificação do corpus selecionado, nomeadamente, os tratados *De Inventione* (Cícero, cerca 90 a. C.) e *Rhetorica ad Herennium* (autor desconhecido, cerca 84 a. C.), que se consideram as principais fontes de conhecimento da retórica greco-latina no período medieval ibérico. Tal entendimento não se resume apenas à exploração da bibliografia de referência⁸, mas também à constatação de que cópias do período medieval de ambas as obras se encontram nos acervos dos mosteiros de Santa Cruz e Alcobaça⁹, onde eram ministradas lições de retórica, lógica e gramática.

O ensino da retórica no contexto medieval galego-português

É sabido que a educação medieval, ministrada principalmente em contexto monástico onde se privilegiava a instrução do latim e de temas teológicos, herdou da antiguidade greco-latina a valorização do ensino das Sete Artes Liberais (*Trivium et Quadrivium*)¹⁰. Esta educação, segundo John of Salisbury (bispo inglês do século XII), tinha como objetivo primordial formar as elites para “a aquisição de uma qualidade, ou virtude intelectual, que ele chamava de eloquência, a qual definia desta forma: a faculdade da expressão verbal adequada e eficaz”¹¹. Sendo assim, o *trivium*, ao ocupar nobres e clérigos da apreensão de conteúdos de gramática, retórica e lógica, revela-se o ponto fulcral do ensino medieval, uma vez que proporciona a aprendizagem de diversas habilidades discursivas que permitem a elaboração de discursos eficazes, pautados pela dita eloquência, com vista à adesão da

⁸ Ver FERNANDES, Raul – “Retórica”, p. 547; SANTOS, Selene – “Recepção e reformulação da retórica clássica na Idade Média (séculos V a XII)”. In *Anais eletrônicos do XXII do encontro estatual de história da ANPUH-SP Santos*. Santos: UNISANTOS, 2014, p. 6 [Consultado a 13 novembro 2024]. Disponível em: <https://www.encontro2014.sp.anpub.org/site/anaiscomplementares>; SILVA, Carlos – *A calmaria dos caminhos tortuosos: Construção e método do trivium medieval*. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2017. Dissertação de Mestrado, p. 31; WARD, John – “The development of medieval rhetoric”. In MACDONALD, Michael (ed.) – *The Oxford Handbook of Rhetorical Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2017, p. 320 e COSTA, Ricardo da – “A retórica na Antiguidade e na Idade Média”. *Trans/form/ação* 42 (2019), p. 365.

⁹ FERNANDES, Raul – “Retórica”, p. 547.

¹⁰ O presente artigo debruçar-se-á apenas sobre o *trivium*, por ser composto pela gramática, lógica e retórica, disciplinas que interessam particularmente ao tema explorado. Estudos sobre o *quadrivium*, constituído pela aritmética, música, geometria e astronomia, podem ser encontrados nas seguintes fontes bibliográficas: MARTINEAU, John (ed.) – *Quadrivium*. São Paulo: E-realizações, 2014; NUNES Rui – *História da educação na Idade Média*. Campinas: Kíron, 2018; e FERNANDES, Clístenes; COSTA, Eduardo; CARBONERA, Mário – *Trivium e Quadrivium: A doutrina das 7 artes liberais*. Porto Alegre: Instituto Cultural de São Vítor, 2020.

¹¹ FERNANDES, Clístenes; COSTA, Eduardo; CARBONERA, Mário – *Trivium e Quadrivium*, pp. 100-101.

plateia. Além disso, o domínio da retórica era essencial “para que os clérigos-estudantes dos mosteiros, utilizando as regras e preceitos das artes de pregar, compusessem com alguma ordem e ornato os sermões que proferiam”¹². Como tal, a consulta das listagens das obras contidas nas bibliotecas dos mosteiros mostra-nos que os clérigos tinham acesso a diversos volumes greco-latinos que abordam temáticas de retórica e oratória¹³.

Neste contexto educacional, a aquisição de fundamentos retóricos¹⁴ implicava a mestria simultânea de múltiplos géneros do discurso oral e literário e o domínio de dezenas de figuras de linguagens, que procuravam abranger todas as situações comunicacionais com as quais estes nobres e religiosos se poderiam deparar no desempenho das suas funções sociais¹⁵. Para tal, eram colocados em prática, durante exercícios públicos de *performance* declamatória, os ensinamentos dos manuais de retórica latinos de Cícero (106 a. C. – 43 a. C.), Quintiliano (35 - 96) e Donato (315 - 380), que eram favorecidos em detrimento dos gregos, como Platão (428 a. C - 348 a. C.) e Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.)¹⁶. Os textos preferidos eram, como referido na introdução deste artigo, *De Inventione* (Cícero, cerca 90 a. C.) e

¹² FERNANDES, Raul – “Retórica”, p. 575.

¹³ Para uma consulta sistemática destas listagens, poderá consultar o volume GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique – *Clavis bibliothecarum: Catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016. Interessa também a obra NASCIMENTO, Aires; MEIRINHOS, José – *Catálogo dos códices da livraria de mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1997.

¹⁴ Para um entendimento sistemático acerca do protagonismo da retórica no contexto político-religioso medieval deve consultar-se o seguinte suplemento bibliográfico: MURPHY, James – *Rhetoric in The Middle Ages (1974): A Bibliographic Supplement to 2016*. Arizona: Arizona Center for Medieval & Renaissance Studies, 2019.

¹⁵ COPELAND, Rita; SLUITER, Ineke – *Medieval Grammar and Rhetoric: Language Arts and Literary Theory, AD 300 -1475*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

¹⁶ Embora esteja perfeitamente atestado que as bibliotecas medievais eclesíásticas possuíam obras gregas pertinentes para o estudo da retórica (cf. GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique – *Clavis bibliothecarum*. Interessa também a obra NASCIMENTO, Aires; MEIRINHOS, José – *Catálogo dos códices da livraria de mão*), “Greek classics were used only very late in our [medieval] period, and the major texts that were in fact studied were two works thought during the period to be by Cicero” (WARD, John – *Classical Rhetoric in the Middle Ages: The Medieval Rhetors and Their Art 300-1300, with Manuscript Survey to 1500 CE*. Leiden e Boston: Brill, 2018, p. 1). Isto pode dever-se ao facto de que, no mundo cristão, a língua latina era hegemónica e dominada pelos círculos cultos da sociedade medieval, ao contrário do grego, que era de conhecimento mais restrito e erudito. Além disso, os textos latinos eram temporalmente muito mais próximos dos medievais do que os gregos, podendo esta proximidade histórica, e consequente acessibilidade, ser também um dos motivos da atestada preferência.

Rhetorica ad Herennium (autor desconhecido, cerca 84 a. C.)¹⁷. A primeira obra, apesar de representar uma fase inicial do pensamento retórico ciceroniano, desenvolve questões basilares para esta área do conhecimento como a função da retórica, ou seja, “the function of eloquence seems to be to speak in a manner suited to persuade an audience, the end is to persuade by speech”¹⁸ e o modo como se deve estruturar a sequência argumentativa, de acordo com as seguintes partes constitutivas fundamentais: *exordium* (introdução que visa captar a atenção da audiência), *narratio* (breve exposição dos factos relevantes para o tema), *divisio* (argumentos em favor da posição defendida), *refutatio* (contestação de argumentos contrários) e *peroratio* (conclusão que reforça a posição argumentativa do orador). Para além desta preocupação com a organização interna do discurso (*dispositio*), o autor enfatiza ainda o valor da verosimilhança para a construção de premissas argumentativas fortes¹⁹ e a importância de arquitetar boas metáforas e analogias para apelar ao entendimento da plateia²⁰.

Por sua vez, a segunda obra sobre a qual se reflete reitera preocupações similares às do texto anterior, no que diz respeito à necessidade de domínio da *inventio*, *dispositio* e *elocutio*. A similaridade entre os dois textos na abordagem a estes temas, entre outros fatores, serviu, historicamente, de justificação para a atribuição de *Rhetorica ad Herennium* a Cícero. Todavia, o atual consenso científico é de que não se conhece o seu autor, sendo frequentemente referido como “pseudo-Cícero”²¹. O exemplo mais notório da proximidade entre os dois tratados prende-se exatamente com as recomendações para a disposição dos argumentos no discurso. À semelhança da primeira obra, esta segunda estabelece que os enunciados devem ser redigidos em seis partes, *exordium* (introdução), *narrationem* (estabelecimento dos factos), *divisionem* (argumentos favoráveis à tese), *confirmationem* (provas), *confutationem*

¹⁷ A referência e citação das obras latinas *De Inventione* e *Rhetorica ad Herennium* foi realizada a partir das edições de referência constantes na Loeb Classical Library. Ambas as edições apresentam a fixação do texto crítico em latim, acompanhado de tradução em inglês.

¹⁸ CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere Oratorum, Topica*. Ed. Harry Hubbel. Londres e Cambridge: Willian Heinemann Ltd e Harvard University Press, 1949, p. 15.

¹⁹ CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere*, p. 61.

²⁰ CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere*, p. 87.

²¹ CAPLAN, Harry – “Introduction”. In *Ad C. Herennium de ratione dicendi (Rhetorica ad Herennium)*. Ed. Harry Caplan. Londres e Cambridge: Willian Heinemann Ltd, Harvard University Press, 1954, pp. VIII-X.

(refutação de argumentos contra a tese defendida) e *conclusionem* (conclusão)²². No entanto, a *Rhetorica ad Herennium* distingue-se pelo foco aprofundado em matérias estilísticas²³, definindo uma série de figuras de estilo, apenas as veiculadas pela linguagem, e figuras de pensamento, aquelas que derivam das ideias expostas, que ainda são mapeáveis nos discursos contemporâneos. São exemplo disto a antístrofe, a antítese, a interrogação retórica e a onomatopeia, enquanto recursos expressivos da linguagem, e a comparação, a ênfase, a exemplificação e a personificação, na qualidade de figuras de pensamento. Conclui-se, assim, que este volume se preocupa, sobretudo, “com a correção e a clareza do discurso (...), com a cuidadosa escolha das palavras (...) e com as figuras de linguagem com a devida ornamentação (...)”²⁴.

Segundo o professor John Ward, no decorrer da Idade Média, o estudo de *De Inventione* foi perdendo centralidade em favor da *Rhetorica ad Herennium* no ensino da retórica²⁵. Ainda assim, identifica-se uma continuidade no reconhecimento da importância da articulação e interdependência dos momentos de preparação do raciocínio e de disposição dessas mesmas ideias no discurso, já que a “*dispositio* poderá determinar o sucesso ou o fracasso do conteúdo escolhido na *inventio*, pois de nada adianta tratar de uma temática importante por uma ordem discursiva que não expressa esta relevância”²⁶. Esta relação entre forma (*dispositio*) e conteúdo (*inventio*) será o ponto de partida, na secção seguinte, para a análise da *Vida e milagres de Dona Isabel*, na qual se procurará compreender a influência da retórica latina num texto hagiográfico que representa um género não cultivado na antiguidade clássica, mas de grande destaque no medievo por se tratar de uma tipologia textual distintivamente cristã. Tal intuito será alcançado não apenas por meio do exame das ideias políticas e religiosas subjacentes à obra, mas também pela identificação e nomeação de recursos estilísticos relevantes, sendo avaliados os seus efeitos presumidos na audiência da época.

²² *Ad C. Herennium de ratione dicendi*, pp. 9-11.

²³ Ver *Ad C. Herennium de ratione dicendi*, pp. 227-412

²⁴ COSTA, Ricardo da – “A retórica na Antiguidade e na Idade Média”. *Trans/form/ação* 42 (2019), p. 365.

²⁵ WARD, John – “The development of medieval rhetoric”, p. 320.

²⁶ SILVA, Carlos – *A calmaria dos caminhos tortuosos*, p. 86.

Em resumo, o ensino da retórica no espaço galego-português medieval, cultivado e difundido entre nobres e religiosos, tinha por base os ensinamentos de Cícero e de outros autores clássicos menos significativos, apesar de pautado pela lógica da memorização da teologia vigente²⁷. A especial atenção dedicada à *dispositio* é coerente com o desenvolvimento de géneros próprios do período em causa, como o sermão, a hagiografia e as crónicas, que almejavam cativar a audiência com o propósito de a persuadir, defendendo os ideais políticos e/ou religiosos considerados superiores pelos autores. Neste contexto educacional, pode inferir-se que “a retórica é a arte mestra do *trivium*, pois ela pressupõe e faz uso da gramática e da lógica; é a arte de comunicar através de símbolos as ideias relativas à realidade”²⁸.

A presença da retórica latina na hagiografia de Isabel de Aragão

O Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, D. Isabel trata-se de um relato hagiográfico que se desenrola, paralelamente, em duas vertentes complementares que se consideram deter o mesmo impacto na narrativa. A primeira delas, característica essencial deste género literário, é a explanação do misticismo religioso que rodeava, desde a infância, a existência de Isabel de Aragão (1271-1336)²⁹. A título de exemplo, sublinham-se a profecia da sua santidade realizada pelo seu avô, Jaime I de Aragão, aquando do nascimento da futura monarca³⁰ e o conhecimento prévio da hora da sua própria morte³¹. A narração dos eventos históricos vividos por D. Isabel, nos quais esta ativamente interveio, constitui a segunda dimensão discursiva da obra. Assim, é possível afirmar que estamos perante um texto que apresenta propriedades linguísticas e temáticas similares às das crónicas de Fernão Lopes (1385-1460) ou Rui de Pina (1440-1522). Isto confirma-se, por exemplo, durante as descrições da vida matrimonial e das

²⁷ SILVA, Carlos – *A calmaria dos caminhos tortuosos*, p. 4.

²⁸ JOSEPH, Miriam – *O Trivium: As artes liberais da lógica, da gramática e da retórica*. E-Realizações Editora: São Paulo, 2018, p. 28.

²⁹ D. Isabel de Aragão (1271-1336), filha do rei Pedro III de Aragão e Constança de Hohenstaufen, destacou-se, desde jovem, pela devoção religiosa e promoção de obras de caridade. Em 1282, casou com D. Dinis de Portugal (1261-1325), exercendo uma poderosa influencia mediadora e pacificadora em diversos conflitos políticos do reino, particularmente, nas disputas entre o marido e o seu filho Afonso IV, futuro rei de Portugal.

³⁰ *Vida e milagres de Dona Isabel*, pp. 19-20.

³¹ *Vida e milagres de Dona Isabel*, p. 73.

rotinas do casal régio³², a partir do casamento até à morte do rei (1325), e do retrato do conflito civil de 1322, em Coimbra, motivado pela ira de D. Dinis perante as disputas territoriais com o seu filho Afonso IV, futuro rei de Portugal³³.

Este último aspeto é aquele que nos importa investigar à luz da retórica, nos parágrafos que se seguem, dado que o louvar das qualidades morais e diplomáticas da rainha portuguesa contribui para provar que “a hagiografia se subordina sempre a uma finalidade específica, que, por sua vez, se integra numa dimensão política entendida esta no seu sentido mais lato”³⁴. A exaltação de figuras humanas com atributos transcendentais ou mitológicos era já comum na antiguidade clássica, sendo este fim pragmático previsto na *Rhetorica ad Herennium* e denominado de *demonstrativum* (epidíctico) que significa “devoted to the praise or censure of some particular person”³⁵. Recorde-se também que, para além dos fins políticos, estes textos eram lidos em público e pretendiam modelar os comportamentos sociais e religiosos da comunidade³⁶.

Neste sentido, é possível entender que a finalidade principal de qualquer texto hagiográfico é demonstrar a santidade da personagem tratada e que, para tal, Cristina Sobral identificou um modelo discursivo próprio deste género textual assente num “o discurso panegírico com enumeração de virtudes, o maravilhoso, a intertextualidade bíblica e litúrgica e a atemporalidade da narrativa”³⁷, que também observamos na *Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal*, embora de forma muito moderada. Sobral acrescenta ainda que a estruturação destas narrativas se divide “em quatro unidades: a Infância, que se desenvolve em filiação (nobre e poderosa), nascimento maravilhoso e precocidade; a Maturidade, que se desenvolve no cumprimento de um ou vários modelos de santidade e no seu sancionamento por Deus; a Morte, que se desenvolve em preparação, sinais maravilhosos e tumulação; e o Culto, que inclui seriação de milagres póstumos e trasladações ou invenções de

³² *Vida e milagres de Dona Isabel*, pp. 25-59.

³³ *Vida e milagres de Dona Isabel*, pp. 38-41.

³⁴ REBELO, António – “A estratégia política através da hagiografia”, p. 131.

³⁵ *Ad C. Herennium de ratione dicendi*, p. 5.

³⁶ DUARTE, Teresinha – “Santa Isabel rainha de Portugal: Modelo de santidade feminina e leiga” – *OPIS* – *Revista do NIESC* 6 (2006), p. 129.

³⁷ SOBRAL, Cristina – “O modelo discursivo hagiográfico”. In LARANJINHA, Ana Sofia; MIRANDA, José Carlos (ed.) – *Modelo. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 98.

reliquias”³⁸. Nos parágrafos seguintes, poderemos verificar que estes quatro momentos da vida da rainha aragonesa estão documentados na hagiografia em estudo, permitindo-nos afirmar que este modelo textual hagiográfico, cultivado por autores eclesiásticos educados pelo *trivium*, e os seus consequentes efeitos retóricos também devem muito às regras da retórica clássica.

No que concerne à estrutura organizacional interna da hagiografia (*dispositio*), é evidente que esta não segue as normas postuladas nos manuais de retórica latina. Isto significa que não encontramos secções rígidas evidentes como o exórdio, a confirmação ou a peroração. No entanto, identifica-se uma ordenação dos eventos históricos de índole cronológica com início na identificação dos antepassados de Isabel de Aragão e que pode ser dividida em quatro partes lógicas. A primeira delas, como apontado anteriormente, ocupa-se brevemente da identificação dos antepassados da rainha, da sua natividade e meninice e culmina no casamento com D. Dinis, aos onze anos³⁹, tendo como finalidade estabelecer as raízes da magnanimidade do espírito de D. Isabel e convencer a audiência da veracidade dos acontecimentos subsequentes, através da explicitação da grandeza da sua linhagem e do elogio ao seu perfil doce e devoto na infância que seria prenúncio da sua santidade. Isto deve-se ao facto de que, “para o hagiógrafo medieval, o santo é um vocacionado, ou melhor, é predestinado à santidade desde o ventre materno”⁴⁰. Segue-se uma segunda secção dedicada ao período entre o matrimónio e a morte de D. Dinis, em 1325⁴¹, indicando que a aragonesa cumpriu exemplarmente os seus deveres de esposa, quer no foro íntimo quer na esfera pública. Entre outros episódios, o autor aborda a rotina do casal, o modo benevolente com que a protagonista lidava com a infidelidade do marido, os conflitos territoriais entre o rei e o filho, as empresas diplomáticas da rainha, o seu afastamento da corte ao ser acusada por D. Dinis de favorecer o primogénito nestas disputas e a exaltação da sua dedicação religiosa aos jejuns e orações, tanto como das suas constantes obras de caridade, nomeadamente a refundação do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, em 1316. É neste espaço que a rainha se vai recolher no terceiro período

³⁸ SOBRAL, Cristina – “O modelo discursivo hagiográfico”, p. 101.

³⁹ *Vida e milagres de Dona Isabel*, pp. 17-25.

⁴⁰ DUARTE, Teresinha – “Santa Isabel rainha de Portugal: Modelo”, p. 131.

⁴¹ *Vida e milagres de Dona Isabel*, pp. 26-60.

narrado na hagiografia, aquele que compreende a totalidade da sua viuvez até aos instantes que antecedem a sua morte⁴². Nesta época, o seu tempo era consagrado ao alívio da dor alheia, à alimentação dos indigentes e à prática da oração, ainda que não tenha ingressado em nenhuma ordem monasterial. A exposição do seu óbito é, mais uma vez, envolta em misticismo cristão, uma vez que é apontado que Isabel sabia exatamente qual seria a hora do seu fim e, “conhecendo seu acabamento, começou a dizer: *Maria, mater gratiae, mater misericordiae, tu me ab hoste proteges et hora mortis suscipe*”⁴³. O segmento final da obra dedica-se, precisamente, aos milagres operados pela Rainha Santa após a sua morte⁴⁴, especificamente a cura de enfermidades ósseas, cegueira e lepra, todas doenças consideradas incuráveis no medievo. O retrato destes milagres foi um dos fatores motivadores da canonização da Rainha Santa Isabel no ano de 1625, demonstrando-se, assim, o valor da hagiografia como fonte regeneradora da fé cristã em épocas de conturbação social e política.

A preocupação com a verdade histórica pauta toda a narração que se reveste, assim, de um hibridismo entre os géneros hagiográfico e cronístico⁴⁵. Por um lado, a matéria tratada (*inventio*) obedece às convenções da hagiografia, explorando o fenómeno da santidade para a compreensão da “história das instituições eclesiásticas, das mentalidades, da espiritualidade, da literatura e da cultura [que] procuram nestes textos elementos para o entendimento da complexa rede de relações histórico-culturais em que intervieram”⁴⁶. Neste sentido, concebem-se estes textos de acordo com a perspetiva de Alison Elliott que defende que as hagiografias não devem ser lidas apenas à luz do seu conteúdo historiográfico, mas, sobretudo, de uma gramática narrativa comum que se aproxima do folclore ficcional, contribuindo para a construção de mitos⁴⁷. Segundo Cristina Sobral, esta tipologia de análise, que compulsoriamente se apoia em instrumentos teóricos

⁴² *Vida e milagres de Dona Isabel*, pp. 60-73.

⁴³ *Vida e milagres de Dona Isabel*, p. 73.

⁴⁴ *Vida e milagres de Dona Isabel*, pp. 73-94.

⁴⁵ MACHADO, Ana Maria – “Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, D. Isabel”. In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Dir. Giuseppe Tavani, Giulia Lanciani. Lisboa: Editorial Caminho, 2000, p. 417.

⁴⁶ SOBRAL, Cristina – “Hagiografia em Portugal: balanço”, p. 2.

⁴⁷ ELLIOT, Alison – *Roads to Paradise. Reading the lives of the early saints*. Hanover: University Press of New England, 1987, pp. 2-6.

semióticos e retóricos, “oferece chaves de leitura interessantes e pertinentes, descodificando significados profundos que poderão ajudar a compreender estruturas mentais e simbólicas cristalizadas na hagiografia e reprojctadas a partir dela”⁴⁸. Por outro lado, é incontestável que o estudo de *A vida e milagres de Dona Isabel* não se deve subordinar somente à interpretação eclesiástica, já que todo o seu estilo discursivo (*elocutio*) apresenta a singularidade de ser dominado pela lógica do registo historiográfico típico das crónicas.⁴⁹

Como resultado desta inovação estilística, observam-se diversos dos princípios sustentados por Cícero em *De Inventione* e dos recursos expressivos clarificados em *Rhetorica ad Herennium*. Na visão do político romano, a brevidade, a clareza e a verosimilhança são condições essenciais para a elaboração de exposições apelativas⁵⁰. Um texto é considerado breve “if the story is told in such a way that at times something which has not been mentioned can be gathered from what has been said”⁵¹ e “if it begins with what needs to be said, and is not carried back to the most remote events”⁵². Ambas as situações se verificam na hagiografia analisada, pois o autor sintetiza em curtos parágrafos múltiplos conflitos políticos focando-se sempre na participação da protagonista e não oferecendo demoradas reflexões morais e filosóficas acerca do comportamento da rainha, permitindo, assim, ao público avaliá-lo individualmente. Relativamente à clareza do texto, o seguimento da ordem cronológica dos factos é, segundo Cícero, um fator de valorização positiva dos textos, posto que “it will be possible to make the narrative clear if the events are presented one after another as they occurred, and the order of events in time is preserved”⁵³. Esta inteligibilidade é também conseguida por meio de um vocabulário elevado, mas simples e direto, ou seja,

⁴⁸ SOBRAL, Cristina – “Hagiografia em Portugal: balanço”, p. 16.

⁴⁹ Normalmente, seria impreciso afirmar que o texto hagiográfico tem características similares às das crónicas, dado que o primeiro é, frequentemente, fonte das segundas, sendo esta a razão das semelhanças detetadas. Contudo, a hagiografia estudada ao longo deste artigo é excecional, pois é já de um período tardio e beneficia da presença de diversos elementos constitutivos da crónica que não observamos nas hagiografias latinas (MACHADO, Ana Maria – “Livro que fala da boa vida que fez a Rainha”, pp. 417-418). O exemplo mais significativo deste fenómeno é o facto de que os milagres da Rainha Santa Isabel são relegados para os capítulos finais da narrativa e o relato cronológico de acontecimentos familiares e de cariz histórico-político ocupam a maioria dos capítulos da obra. Ademais, é sabido que o discurso hagiográfico gozava de um relativo estatuto de historicidade no período medieval (SOBRAL, Cristina – “O modelo discursivo hagiográfico”, p. 107).

⁵⁰ CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere*, p. 57.

⁵¹ CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere*, p. 57.

⁵² CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere*, p. 59.

⁵³ CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere*, p. 59.

o autor não recorre frequentemente a adjetivações e adverbializações ou a extensos segmentos textuais em latim, como era comum em construções textuais medievais. A verosimilhança prende-se com o facto de que a narrativa deve ser coerente com a natureza das personagens e com as crenças da audiência acerca do funcionamento do mundo⁵⁴. O cuidado do autor da hagiografia na veiculação de informações históricas verificáveis que se manifesta, por exemplo, no rigor com que procede à datação de eventos políticos e religiosos relevantes, à identificação correta dos seus intervenientes e à referência aos preceitos legislativos da Península Ibérica medieval⁵⁵ também contribui para este efeito de plausibilidade.

A preparação (*inventio*) de um discurso breve, claro e verosímil não basta para capturar a atenção da audiência e persuadi-la da posição do seu compositor, dado que “the strongest alliances and most sacred friendships have been formed not only by the use of the reason but also more easily by the help of eloquence”⁵⁶. Esta constatação recorda-nos a relevância de explicar a função e os efeitos de alguns dos mais frequentes recursos expressivos presentes na hagiografia, tal como entendidos na *Rhetorica ad Herennium*. A hipérbole, “manner of speech exaggerating the truth, whether for the sake of magnifying or minifying something”⁵⁷, é o principal meio de enaltecimento das virtudes da rainha, reforçando as suas qualidades morais, diplomáticas e religiosas. Para exemplificar este enaltecimento hiperbólico, direciona-se a atenção para a seguinte citação: “Ela jejuava des a festa de sam Joam Bautista [última semana de junho] até dia de santa Maria de agosto [15 de agosto]”⁵⁸. Esta informação, que nos revela que a rainha jejuaria cerca de cinquenta dias seguidos anualmente, é evidentemente exagerada com o objetivo de demonstrar a devoção e o comprometimento desta para com a liturgia cristã. Outro efeito desta hipérbole é a confirmação de que a elevada força espiritual de D. Isabel lhe permitiria superar as necessidades fisiológicas do seu corpo e resistir a desejos mundanos, como a fome. Com o mesmo fim é mobilizada a descrição vívida, “the name for the figure which contains a clear, lucid and impressive exposition of the

⁵⁴ CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere*, p. 61.

⁵⁵ Durante o relato dos preparativos para o casamento real, é enfatizado que as linhagens de D. Isabel e D. Dinis foram cuidadosamente investigadas para evitar a consanguinidade (*Vida e milagres de Dona Isabel*, p. 22), o que impediria a validação do matrimónio em território ibérico e junto do Papa Nicolau IV.

⁵⁶ CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere*, p. 3.

⁵⁷ *Ad C. Herennium de ratione dicendi*, p. 339.

⁵⁸ *Vida e milagres de Dona Isabel*, p. 42.

consequences of an act”⁵⁹, da atitude do povo perante as esmolas oferecidas pela monarca, “e pelas esmolas que ela fazia, quando sabiam que viinha de uu logar pera outro, asseetavam-se per los caminhos, em nas entradas das vilas e logares, muitos omees e molheres e moços, pera receber aquela esmola (...)”⁶⁰. Este trecho transporta o público para o cenário descrito e permite-lhe simpatizar com a atitude da protagonista na tentativa de auxiliar a população carenciada. Em contrapartida, a metáfora, utilizadas em várias passagens textuais “for the sake of creating a vivid mental picture”⁶¹, pode ser identificada quando a rainha constata que o marido e o filho estão em grande perigo devido ao conflito que disputam e decide dirigir-se sozinha, cavalgando numa mula, a Coimbra⁶². Neste excerto, é descrito que Isabel fez a viagem “pelo meio das asas”, significando isto que se atravessou pelos “azes” ou “alas” dos exércitos em confronto, demonstrando uma coragem ímpar e surpreendente num cenário de guerra onde poderia facilmente magoar-se.

Em síntese, as opções autorais ao nível da *inventio*, *dispositio* e *elocutio* não afastam a obra das influências latinas, embora não se sigam estritamente todos os modelos de *dispositio* disseminados nos manuais romanos. Desta forma, conclui-se que “no plano forma, essa influência reflete-se, [especialmente], na adaptação de recursos literários originariamente clássicos”⁶³, particularmente, no que se refere a questões de estilo e de critérios de seleção dos episódios a narrar na hagiografia. Tendo tudo isto em vista, comprova-se a importância primordial da análise retórica para a superação “da alegada monotonia das narrativas hagiográficas”⁶⁴, cuja profunda compreensão depende igualmente de investigações de cariz histórico, mitológico e teológico. Deste modo, o *Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, D. Isabel* não se limita, seguindo um modelo discursivo previamente estabelecido (puramente greco-latino ou hagiográfico), a reunir provas para comprovar a santidade da monarca, sendo dada equivalente notoriedade ao seu papel de mediadora e pacificadora em conflitos civis nacionais e na rivalidade entre D. Jaime de Aragão, seu irmão, e D. Fernando IV de

⁵⁹ *Ad C. Herennium de ratione dicendi*, p. 357.

⁶⁰ *Vida e milagres de Dona Isabel*, p. 42.

⁶¹ *Ad C. Herennium de ratione dicendi*, p. 343.

⁶² *Vida e milagres de Dona Isabel*, p. 40.

⁶³ REBELO, António – “A estratégia política através da hagiografia”, p. 134.

⁶⁴ DUARTE, Teresinha – “Santa Isabel rainha de Portugal: Modelo”, p. 19.

Castela, seu genro, evitando uma guerra que enfraqueceria a posição dos reinos católicos face à ameaça dos mouros e reforçando, assim, o domínio cristão da Península Ibérica⁶⁵.

Conclusão

Ao longo desta redação, procurou-se sustentar a tese de que os tratados latinos, nomeadamente os volumes *De Inventione* e *Rhetorica ad Herennium*, foram determinantes para a formação retórica das elites medievais no espaço cultural galego-português. Esta disciplina, para além de central para o exercício da política, da evangelização e da justiça, foi essencial para estruturar os géneros textuais mais prolíferos da Idade Média, como a hagiografia, o sermão e a crónica. Contudo, a escassez de trabalhos relacionados com a influência da retórica clássica na construção da retórica medieval galego-portuguesa não nos permite articular conclusões categóricas acerca do tema explorado. Para tal, será imprescindível produzir investigações interdisciplinares com vista à compreensão das complexas estruturas retóricas, filosóficas, linguísticas e simbólicas que permeiam a literatura medieval ibérica em todas as suas vertentes.

O presente artigo reafirma a relevância da concretização de tais investigações ao atestar que o estudo da obra *Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal* não apenas ilumina a eficácia persuasiva das técnicas retóricas empregadas pelo autor, como também revela o papel multifacetado de Isabel na construção da memória histórica e no fortalecimento da identidade cristã da Península Ibérica, em momentos de tensão política e espiritual. Como ficou explícito, esta hagiografia integra elementos retóricos e estilísticos oriundos da tradição latina, enquanto preserva a dimensão temática do misticismo cristão próprio da literatura medieval de cariz religioso.

Em conclusão, considera-se que “o conjunto de textos a que chamamos hagiografia se oferece a uma multiplicidade de perspetivas de análise que se cruzam e se completam para a compreensão do fenómeno da santidade”⁶⁶. Neste cenário, o domínio dos conceitos e instrumentos da retórica greco-latina podem ser elementos facilitadores da descodificação destas narrativas e, conseqüentemente, contribuir para o aprofundamento da nossa consciência sobre a cultura e mentalidade medieval.

⁶⁵ DUARTE, Teresinha – “Santa Isabel rainha de Portugal: Modelo”, p. 138.

⁶⁶ SOBRAL, Cristina – “Hagiografia em Portugal: balanço”, p. 2.

Referências bibliográficas

Fontes

Fontes impressas

Ad C. Herennium de ratione dicendi (Rhetorica ad Herennium). Ed. Harry Caplan. Londres, Cambridge: Willian Heinemann Ltd, Harvard University Press, 1954.

CÍCERO, Marcus Tullius – *De Inventione, De Optimo Genere Oratorum, Topica*. Ed. Harry Hubbel. Londres, Cambridge: Willian Heinemann Ltd, Harvard University Press, 1949.

Livro que fala da Boa Vida que fez a Rainha de Portugal, Dona Isabel, & de seus bons feitos & milagres em sa vida & depois da morte. Ed. Maria José Santos, António Rebelo, Francisco Macedo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2025.

Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal. Ed. José Joaquim Nunes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1921.

Estudos

ANDRADE, Maria Filomena – *Isabel de Aragão – Rainha Santa, mãe exemplar*. Lisboa: Temas e Debates, 2014.

CAPLAN, Harry – “Introduction”. In CAPLAN, Harry (ed.) – *Ad C. Herennium de ratione dicendi (Rhetorica ad Herennium)*. Willian Heinemann Ltd e Harvard University Press: Londres e Cambridge, 1954, pp. VII-XLI.

COPELAND, Rita; SLUITER, Ineke – *Medieval Grammar and Rhetoric: Language Arts and Literary Theory, AD 300 -1475*. 1st ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

COSTA, Ricardo da – “A retórica na Antiguidade e na Idade Média”. *Trans/form/ação* 42 (2019), pp. 353-390.

DIAS, Isabel – “A narrativa da vida e milagres da Rainha Santa Isabel: Testemunhos e edições”. In MURILLO, Jesús; QUEJICO, Javier; DÍAZ, José (eds.) – *Medievalismo en Extremadura: Estudios sobre literatura y cultura hispánicas de la Edad Media*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2009, pp. 575-588.

DUARTE, Teresinha – “Santa Isabel rainha de Portugal: Modelo de santidade feminina e leiga”. *OPIS – Revista do NIESC* 6 (2006), pp. 129-141.

ELLIOT, Alison – *Roads to Paradise. Reading the lives of the early saints*. Hanover: University Press of New England, 1987.

FERNANDES, Clístenes; COSTA, Eduardo; CARBONERA, Mário – *Trivium e Quadrivium: A doutrina das 7 artes liberais*. Porto Alegre: Instituto Cultural de São Vítor, 2020.

FERNANDES, Raul – “Retórica”. In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Dir. Giuseppe Tavani, Giulia Lanciani. Lisboa: Editorial Caminho, 2000, pp. 574-576.

GIURGEVICH, Luana; LEITÃO, Henrique – *Clavis bibliothecarum: Catálogos e inventários de livrarias de instituições religiosas em Portugal até 1834*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, 2016.

JOSEPH, Miriam – *O Trivium: As artes liberais da lógica, da gramática e da retórica*. São Paulo: É Realizações Editora, 2018.

MACHADO, Ana Maria – “Livro que fala da boa vida que fez a Rainha de Portugal, D. Isabel”. In *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Dir. Giuseppe Tavani, Giulia Lanciani. Lisboa: Editorial Caminho, 2000, pp. 417-418.

MARTINEAU, John (ed.) – *Quadrivium*. São Paulo: É realizações, 2014.

MONTES, Maria Isabel – *Vida e milagres de D. Isabel, rainha de Portugal*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1999. Dissertação de Mestrado.

MURPHY, James – *Rhetoric in The Middle Ages (1974): A Bibliographic Supplement to 2016*. Arizona: Arizona Center for Medieval & Renaissance Studies, US, 2019.

NASCIMENTO, Aires – *Santa Isabel de Portugal a menina de Aragão coroada rainha em terras portuguesas*. Lisboa: Edições Colibri, 2019.

NASCIMENTO, Aires; MEIRINHOS, José – *Catálogo dos códices da livraria de mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1997.

NUNES, José Joaquim – “Introdução”. In *Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal*. Ed. José Joaquim Nunes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1921, pp. 3-14.

NUNES, Rui – *História da educação na Idade Média*. Campinas: Kírion, 2018.

REBELO, António – “A estratégia política através da hagiografia”. In JIMÉNEZ, Aurelio; FERREIRA, José; FIALHO, Maria – *O retrato literário e a biografia como estratégia de teorização política*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, pp. 131-158.

SANTOS, Selene – “Recepção e reformulação da retórica clássica na Idade Média (séculos V a XII)”. In *Anais eletrónicos do XXII do encontro estatual de história da ANPUH-SP Santos*. Santos: UNISANTOS, 2014, pp. 1-16.

SILVA, Carlos – *A calma dos caminhos tortuosos: Construção e método do trivium medieval*. São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2017. Dissertação de Mestrado.

SOBRAL, Cristina – “O modelo discursivo hagiográfico”. In LARANJINHA, Ana Sofia; MIRANDA, José Carlos (ed.) – *Modelo. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, pp. 97-107.

SOBRAL, Cristina – “Hagiografia em Portugal: balanço e perspetivas”. *Medievalista [Em linha]* 3 (2007), pp. 1-18. [Consultado a 13 Novembro 2024]. Disponível em <https://revistas.fcs.unl.pt/medievalista/article/view/1150>

WARD, John – “The development of medieval rhetoric”. In MACDONALD, Michael (ed.) – *The Oxford Handbook of Rhetorical Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2017, pp. 315-328.

WARD, John – *Classical Rhetoric in the Middle Ages: The Medieval Rhetors and Their Art 300-1300, with Manuscript Survey to 1500 CE*. Leiden e Boston: Brill, 2018.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

MARQUES, Inês Hortas – “Vestígios da retórica latina na *Vida e milagres de Dona Isabel, rainha de Portugal*”. *Medievalista* 39 (Janeiro – Junho 2026), pp. 121-140. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.



Esta revista tem uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).